

## Retrospectiva ao Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer

Heinz F. Dressel

Em 6 de agosto de 1957 eu assumiria o serviço na paróquia de Dois Irmãos com suas comunidades filiais Picada Verão, Walachei, Boa Vista do Herval, Padre Eterno e Fazenda Padre Eterno. Exceto a comunidade matriz, toda a região não era apenas rural mas culturalmente de origem alemã entre a maioria dos habitantes. O dialeto do Hunsrück era a língua corrente em toda região. Bem me lembro ainda de um exemplo relatado por um de meus antecessores, o pastor Warnke, de um culto em Boa Vista no período da prescrição da língua alemã nos tempos da Segunda Guerra Mundial. Ao final do culto no vernáculo, o pastor Warnke anunciara: “O próximo culto vai tomar lugar no domingo, dia 4 de maio, às 9 horas.” A comunidade mal havia entendido uma palavra do sermão. Quando então o pastor despedia os membros da comunidade no portal da igreja, perguntava-o um dos colonos: “Parre, wenn is nechstmol Kerch?” - Pastor, quando vai ser o próximo culto? - Outro exemplo: Quando em 1964, quatro semanas após a revolução, retornava pela primeira vez àquela região, as pessoas me diziam: “Soubemos que houve uma revolução, mas diga-nos: Quem afinal ganhou?”

Em visita do presidente do Sínodo Riograndense a Dois Irmãos (25/01/1962), este relatou da Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas em Nova Déli, da qual participara pessoalmente na condição de delegado da Federação Sínodal. Naquela oportunidade transmitiu-nos importantes impulsos políticos de desenvolvimento. A semente dessa mensagem obviamente caíra em solo fértil. Com comprometida cooperação do diretor da Academia Evangélica, o pastor Oskar Lützow, logo iniciamos em nossa paróquia uma série de “Encontros de agricultores”: em 25/08/63 sucedeu-se o primeiro „Encontro“ em Boa Vista do Herval; em 23/8/64 o segundo, em Padre Eterno; o terceiro, em 01/8/65 em Fazenda Padre Eterno, e em 14/08/66 o quarto em Picada Verão. O quinto „Encontro“ o P. Lützow promoveu na Walachei meados do ano 1967, quando eu e minha família já nos encontrávamos na Alemanha.

Evento impactante naqueles tempos foi a “Conferência do Nordeste” no Recife, em 1962. Ocorreu sob o chamativo tema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”. O presidente da IECLB, P. Ernesto Th. Schlieper, lá discursou sobre a Igreja e sua responsabilidade social. O serviço ao mundo não deveria ser entendido como interferência em assuntos alheios. Em seu discurso sobre os profetas em tempos de mudanças sociopolíticas, o pastor Joaquim Beato externou teores inauditos e provocantes para o protestantismo brasileiro; p. ex. ao ensinar que, para os profetas, religião não teria sido primeiramente uma questão de experiência íntima ou ritual, mas antes a interpretação das condições humanas à luz do projeto divino de criação. Por isso o Deus dos profetas na luta por justiça social teria sido o grande aliado dos deserdados e explorados.

A partida da Igreja para o atento trabalho nessa “lavoura do mundo” naqueles anos marcava todo o ecumenismo. Vivíamos no período do Concílio Vaticano II. Os protestantes - inclusive no Brasil - atentavam interessados para os acontecimentos na Igreja romana. A encíclica papal “Mater et Magistra” era interpretada por um grupo de trabalho integrado. No respeitante ao novo movimento na Igreja, tudo isso ocorria sob os auspícios do “desarrollismo”, como posteriormente se o desabonaria. Nisso, contudo, era confundido com o “neoliberalismo”, que, ao invés de apostar numa agricultura saudável, privilegiava a breve industrialização para que os necessitados bens de consumo já não tivessem de ser adquiridos a custos elevados no estrangeiro. O desdobramento no seio do ecumenismo também influenciou fortemente nossas comunidades eclesiais no sul brasileiro.

Em 1963, sob a liderança do P. Lützow, o trabalho da Academia Evangélica iniciou-se com o objetivo de orientar os membros da comunidade a partir do viés do evangelho num mundo em rápida transformação.

Oskar Lützow e eu cooperamos estreitamente desde início. Em diversas comunidades riograndenses, mas também em La Paz (Bolívia) e em Lima (Peru), juntos promovemos algumas jornadas sob a temática “O homem entre ciência e fé”.

Nos anos 60 dois terços da população do Rio Grande do Sul ainda eram rurais. Os membros da comunidade tinham características predominantemente camponesas. A maioria dos agricultores estava em estado de estrangulamento diante do acelerado e vasto “agribusiness” mecanizado. Diante desse cenário, o anseio do “pastor de academia” Lützow e do “pastor rural” de Dois Irmãos era, por um lado, despertar o interesse da Igreja como um todo pelos assuntos da população rural; por outro, era que os próprios envolvidos fossem conduzidos para o reconhecimento de sua situação precária para poderem encarar soluções viáveis ou ao menos poderem fugir um pouco à “voluntariamente” criada condição de incapazes em que subsistiam. Tratava-se, contudo, de esclarecer, de genuína iluminação, de esclarecimento, que não pretendia ficar na introspecção e sim animar as pessoas a responsabilidade e engajamento social movidos pelo evangelho e não por um ativismo e imediatismo ideológico. No curso de reflexões conjuntas chegamos à conclusão de simplesmente seguir a referência dos Encontros do agricultores tais como praticadas há anos no seio da Igreja da Baviera. No distrito paroquial de dois Irmãos foram realizadas cinco dessas jornadas rurais.

Ainda em 1963 organizamos „Encontro de agri cultores“ em Boa Vista do Herval. “Wir sind hier ganz abandoniert” - “Aqui ficamos completamente abandonado” - costumavam dizer os pequenos agricultores da região. Com base em levantamentos sociológicos elaborados em cooperação com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, já havíamos descoberto que para um pequeno agricultor com propriedade inferior a dez hectares era impossível alimentar mesmo minimamente sua família sem que melhorasse sua tecnologia. Se possuísse entre 10 e 20 hectares, poderia superar a „linha da pobreza”, na condição do emprego de tecnologias modernas. A Igreja estava convocada a defender a categoria dos agricultores empobrecidos, em parte miseráveis, socorrendo-a. Com os “Encontros de agricultores”, a “Academia Evangélica” emitiu significativo sinal aos responsáveis em Igreja e Estado bem como aos próprios agricultores. Consta no relatório do P. Lützow sobre o primeiro ano de existência da Academia Evangélica em 1963/1964, que o „Encontro de agricultores“ em Boa Vista, uma variante da concepção da “Escola popular itinerante” de Hahn, “poderá providenciar maior formação intelectual e cultural, quer nas colônias urbanas, quer nas rurais”.

“A colônia não está esquecida”, escrevia o P. Lützow após o „Encontro de agricultores“ em Fazenda Padre Eterno.

“Próximo a nossa capital estadual e quase ao pé do Spiegelberg situa-se uma região de ditas ‘velhas colônias’, que nos últimos anos parecia ter caído no esquecimento. O que se situa, digamos, entre Taquara, Sapiranga, Dois Irmãos, Nova Petrópolis, Feliz e Montenegro, ‘detrás dos bosques e em meio à mata’, alguns dos membros de nossa Igreja sequer conhecem, muito menos têm idéia das necessidades e problemas dessas áreas. Paulatinamente, porém, volta-se a atenção aos tantos colonos ali radicados. Como isso acontece? Quero ilustrá-lo falando um pouco do último ‘Encontro de agricultores’ em Fazenda Padre Eterno, promovido em 1/08/65: Quando, após duas horas de viagem corrida, com meu fusca, cheguei à igreja de Fazenda, meus freios estavam gastos, um amortecedor quebrado, e ainda pensei ter chegado ao fim do mundo. Uma hora depois, após quase cinco horas de viagem, apareceu o

'Clinimóvel' - uma clínica veterinária sobre rodas, presente do governo alemão à Faculdade de Viamão - e sua tripulação: o casal Dr. Grunert. Ambos veterinários de Hannover, temporariamente atuantes como auxiliares no desenvolvimento no RS. ... Aí falava-se sobre vacas, bois, terneiros, porcos e demais bicharedo; um boi enfermo recebeu injeção; uma rês nova, tratamento; muitas perguntas eram respondidas e os colonos orientados a trilhar novos caminhos (até a inseminação artificial - algo incrível para a maioria). Após 'consulta' de duas horas com os dois veterinários, passou-se à reunião no salão. Nele já se faziam presentes vários convidados especiais, admirados e festejados; primeiramente merece ser mencionado o Dr. Guido Moesch, secretário do governador Dr. Ildo Meneghetti. Pela primeira vez na história da colônia Fazenda Padre Eterno 'apareceu' um membro do governo ali. Mas isso atribuiu grande importância ao „Encontro de agricultores“; afinal o alto convidado pôde, *in loco*, obter uma idéia das necessidades. Faltava uma via digna, luz elétrica, um professor evangélico! Mais de 200 pessoas prestaram muita atenção e decerto entenderam uma coisa: a velha colônia precisa de novo impacto! Hoje as coisas já não podem ser feitas tal como o bisavô resolvia suas coisas há cem anos! Para trabalhar melhor esse aspecto, de noite veio ainda um carro-cinema do consulado alemão e apresentou filmes com áudio. Não foram poucos os que ali pela primeira vez em sua vida assistiram a 'imagens vivas' em tela.”

Após três, quatro gerações que de início necessariamente tiveram de cuidar primeiro de sua própria constituição e de sua consolidação, cristãos evangélicos de origem alemã haviam reconhecido sua responsabilidade para com o mundo em que viviam, e procuravam fazer jus a sua missão enquanto cidadãos do “sexto continente”.

O mestre agrônomo Francisco Lutero Lühning, que posteriormente desempenharia excelente trabalho na condição de Diretor agrônomo do Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer Boa Vista do Herval, descreveu em breve relatório o “Teewald” ( Herval), como os nativos costumam chamar sua região:

“Boa Vista do Herval pertence ao município de Dois Irmãos, encontrando-se a duas horas de Porto Alegre, mas de características sociais de 50 anos passados. Colônia essencialmente de ascendência germânica, falando quase que exclusivamente alemão, este fato dificulta sobremaneira qualquer trabalho de assistência rural que venha a ser desempenhado por órgãos governamentais.”

Há muito eu já havia publicado detalhes sobre a situação geral dos pequenos proprietários na região das “velhas colônias” como de sua situação especificamente rural em Boa Vista do Herval, tanto no que diz respeito às respectivas repartições públicas quanto à Igreja. Encontravam-se em diversos documentos e também nalgumas publicações bilíngües. (cf. Fatos Sociológicos sobre a População Rural, Estudos Teológicos, NE 4, Nova sequência, IV Trimestre, Ano 6, 1966; Der deutschbrasilianische Kolonist im alten Siedlungsgebiet von São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Eine soziologische Studie unter besonderer Berücksichtigung von Dois Irmãos, Neuendettelsau 1967; Das reiche Land der Armen, Brasilien - heute und morgen, Freimund Verlag Neuendettelsau, 1971) Chegara a hora de agir.

Ao “empirismo”, que não deixava margens de interpretação, acoplava-se uma clara “filosofia” - como dizem os brasileiros. Esta tinha seus fundamentos espirituais na mensagem de Jesus, que remete as pessoas a seu lugar e sua função em seu contexto: “A lavoura é o mundo.” Partindo desse princípio, víamo-nos chamados à ação, e com isso também “tentamos esclarecer a comunidade de que não bastava celebrar cultos entre as quatro paredes da igreja local, mas que os cristãos estão conclamados a integrar o mundo e a assumir as necessidades das pessoas”, para dizê-lo com palavras que então provinham da Federação Luterana Mundial na cidade de alemã de Erlangen.

A base disso decerto era certo otimismo cultural de Alberto Schweitzer, cuja teologia, filosofia cultural e ética haviam me impregnado fortemente desde meu período de candidato. Na concepção do Centro Rural, para mim, os elementos essenciais da visão global de Schweitzer haviam sido: 1 - Se algo contribui para a mudança da situação das pessoas, é o raciocínio. A formação é que provoca mudança. 2 - Nós, todavia, não aspirávamos a tecnologias sem espírito. O evangelho deve ser o motor do desenvolvimento, do progresso, da “transformação”. 3 - Não deve haver sermão sem diaconia. Verbo e ação, fé e vida se integram, assim o evangelho. Uma filosofia dessas devia possibilitar evolução dirigida. “Desarrollo”, como os hispânicos diziam, “desenvolvimento” dizia-se no Brasil, era o que aspirávamos, não uma revolução social.

Com base nessas premissas tivemos de visar a uma ação global no projeto do Centro Rural. Desde início, o Centro Rural devia cumprir função dupla: devia aprofundar a formação geral e garantir uma instrução profissional adequada em diversos campos, a saber: a) tecnologia agrária b) economia doméstica c) higiene e saúde. Não apenas a juventude era grupo meta das medidas educativas, mas também a formação de adultos devia ser considerada. Finalmente havia outras duas funções a serem observadas: 1 - planejamento familiar responsável; 2 - A criação de novas fontes de renda pela orientação das pessoas a trabalhos domésticos tais como costura, tricô, bordado, etc., e pela orientação técnica ao beneficiamento e comercialização de produtos da terra, conservando frutas, por exemplo. Deste modo pretendia-se interferir das mais variadas formas na população da região por intermédio de um moderno projeto rural educativo da Igreja Evangélica.

A ideia básica que havia levado à criação de um centro rural em Boa Vista foi a consideração da “extensão rural” como instrumento da transmissão de conhecimentos técnicos, um programa para o reflorestamento intelectual e tecnológico, por assim dizer. O conceito da “extensão rural” compreende educação e instrução da população rural, e isso em todas as áreas possíveis, como tecnologia agrária, economia doméstica, higiene, conhecimentos gerais e educação à vida social (o que se poderia também chamar de “política” em seu sentido estrito; “Polotik” provém do grego “cidade” - polis - e quer dizer o que na bíblia certa vez foi formulado da seguinte forma: “Buscai o melhor para a cidade”). Outra ideia madrinha na criação do Centro Rural foi que, já por razões de educação religiosa e da coesão eclesiástica, uma comunidade rural evangélica necessita de um centro em que abrangente educação religiosa e humana bem como o cultivo da vida social cristã teriam um lugar.

Na realização dessas ideias colaboraram as mais diversas organizações e instituições: o Governo do Estado, a Secretaria da Agricultura, o Instituto da Reforma Agrária, o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrícola, o programa ASCAR, de extensão rural., Clubes 4-S, a Secretaria da Cultura, a Secretaria do Trabalho e da Habitação, a Legião Brasileira de Assistência, a “Associação de Ação pelos Famintos” em Berlim, a Federação Luterana Mundial em Genebra, os “Lutherhjälpen” (Apoio Luterano) na Suécia, o Serviço Alemão para o Desenvolvimento Técnico e Social, a Legião Evangélica, a Diaconia, Lutheran World Relief, a Associação Rural (católica), a Aliança para o Progresso (USAID), o Instituto Goethe, para enumerar somente os mais importantes. Apoio técnico nós recebíamos da UFRGS - com destaque para a Faculdade Veterinária da UFRGS - e da Pontífica Universidade Católica de Porto Alegre. O Centro Rural devia seu nome ao doutor nas matas do lugarejo africano de nome Lambarene. Poucos meses antes de seu falecimento, este concedeu permissão de denominar o Centro Rural com seu nome: “Com todo gosto permito que o centro rural que o Sr. está criando tenha o meu nome. Sinto-me muito homenageado com seu pedido.” (1/05/65)

Quando o projeto do Centro passava gradualmente da fase da reflexão sobre questões básicas para o estágio do planejamento concreto, foi possível identificar, a preço vantajoso, uma área de terra de uns 25 hectares próxima à igreja de Boa Vista, incluindo casa e currais. O preço de negociação dado foi de dois milhões de cruzeiros. Na época isso correspondia a um valor entre sete e oito mil marcos alemães. O sinal determinante partiu da “Associação pela Ação para os Famintos”, que imediatamente se posicionou favorável ao projeto, solicitando recursos a seu círculo de fomentadores: “A ação exemplar - Nós apoiamos o centro de treinamento rural em Boa Vista do Herval. Boa Vista situa-se no centro de uma região montanhosa, muito atrasada, no Rio Grande do Sul, habitada por aproximadamente vinte mil pessoas, geralmente descendentes de alemães. A maioria das famílias - com 10 filhos em média - dispõe de 10 a 30 hectares de terras, porém cultivadas com métodos muito antiquados. Não há quaisquer tecnologias modernas de adubação, não há máquinas, não há fontes energéticas nem estradas dignas, não há instalações cooperativas, nenhuma influência sobre a formação dos preços. Há pouca água, e esta não alcança os locais em que é necessitada. Ademais, a vida hoje é mais cara, muito mais cara do que há cento e trinta anos, quando os primeiros agricultores ali se radicaram para forçar as matas a lhes ceder uma área para moradia.

Hoje as propriedades com aparência de galpões estão desabando; currais e celeiros estão sem telhados, as paredes esfarrapadas pelas tormentas e comidas por insetos. A população não apenas está desnutrida mas sequer tem recursos para médico, farmácia e hospital. Passam fome e sentem-se péssimos e abandonados; grassam resignação e desespero. Quem já não consegue sobreviver, parte para a cidade com a família, trocando a pobreza pela miséria. Os camponeses são indefesos perante a complexa competição da cidade grande, do mundo industrial e das relações sociais; logo se encontram refugiados em terríveis favelas na periferia urbana, onde não muitas crianças sobrevivem seus primeiros anos de vida. Aí o pastor Heinz Dressel, de Dois Irmãos - sua paróquia abrange mais de 300 km<sup>2</sup> -, toma a iniciativa. Em modesta sala de aula, depois em salão de dança parcamente ajeitado, reúne a juventude rural para a primeira orientação que poderia iniciar um novo desenvolvimento. O teólogo compra livros didáticos de agronomia e se informa sobre a criação de aves e sobre adubação química. Mas deste jeito não pode continuar. Novamente um colono migra. O pastor Dressel concorre à terra, à casa e propriedade. Ali poderia ser construída a escola, para tanto seria possível conseguir técnicos qualificados! Primeiro, contudo, é preciso criar a base. Doze mil marcos pela propriedade - isso é pouco mesmo ali. Mas é inconcebível para um pastor rural em região de tanta miséria - é impossível. Talvez a Associação pela Ação pudesse ... ? Sim. Há troca de correspondências, querem estudar tudo minuciosamente. Isso é correto, mas o tempo urge - finalmente a propriedade pode ser adquirida. As coisas avançam ...” (Associação de Ação pelos Famintos, circular nº 31, março de 1965. A ação exemplar).

Em fins de 1964 chegou o comunicado do Secretário Geral da Comissão Evangélica Sulriograndense da Ação Social, pastor Bantel: “Hoje temos a satisfação de poder lhe comunicar que a “Associação pela Ação para os Famintos” em Berlim autorizou 12.000 marcos alemães para a aquisição da terra.” A compra da terra pôde ser efetivada pela entrada de Cr\$. 5.000.000.- (cinco milhões de cruzeiros) em 15 de janeiro de 1965. (Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer: Recibo - “Com esta, certifico ao Pastor Heinz Dressel, Dois Irmãos, ter recebido dele, pela venda de minha terra - para a construção de um centro de treinamento rural em Boa Vista do Herval - Cr\$. 5.000.000.- (cinco milhões de cruzeiros). Dois Irmãos, 15 de janeiro de 1965, assinado: Hugo Schneider.”) A primeira parcela da Associação pela Ação mal havia coberto pouco mais da metade do preço da terra necessitada. Pela parcela restante eu mesmo me responsabilizara temporariamente. Toda a terra foi registrada em nome da

comunidade evangélica de Boa Vista do Herval. A parcela remanescente devia ser paga até o final do ano, no máximo. Não foi possível adquirir os prédios porque teria encarecido demasiado o projeto. Aguardava-se, contudo, uma doação significativa da Confederação Luterana Mundial, com que o Centro poderia ser construído e equipado.

A organização interna do Centro causava muita dor de cabeça. O projeto repetidamente me levava a bater portas no palácio do governo e de suas secretarias. Quando lá me apresentava e entregava meu cartão de visita, os funcionários diziam: “Ah, o pastor Dressel de Dois Irmãos!” E aí retornavam dizendo: “O Secretário o pede para entrar!” A comunidade evangélica de Dois Irmãos tornara-se conhecida e todas as portas me estavam abertas. De repente, porém assinalavam-se certas mudanças; afinal havia acontecido uma revolução, o que entrementes quase havíamos esquecido. A Secretaria Estadual da Educação foi completamente remodelada em função da demissão política do Secretário da Educação. As pessoas com que eu havia negociado eram ou demitidas também ou degradadas. As diversas assessorias eram remontadas apenas morosamente, já que obviamente muito se procurava por técnicos “confiáveis” entre os amigos partidários, fazendo com que todas as negociações se interrompiam por semanas. O novo secretário da Educação remeteu-me a seus “técnicos”, que por sua vez me direcionaram de repartição a repartição. Ninguém estava a par das coisas, ninguém era definitivamente responsável pela formação rural. Ainda não haviam definido o diretor da respectiva assessoria. Certo dia nomearam para o cargo um mestre aposentado, que, sem quaisquer escrúpulos, declarou abertamente que na verdade estaria aposentado e já não teria de trabalhar, mas o Secretário haveria lhe solicitado dar uma mão como superintendente para a formação rural, e ele não teve como se negar, se bem que do assunto nada entendesse. Mas valia como confiável em termos políticos e como pessoalmente leal. Foi um capítulo da política sul-americana difícil de entender mesmo a quem a experimentara há anos. Felizmente minha energia era mais aferrada que a notória paciência brasileira. Além disso, o governador me considerava “amigo”, de modo que, em persistindo a confusão na Secretaria da Educação, eu poderia conseguir diretamente um decreto através dele, importante para o bom funcionamento do Centro.

Em 19 de setembro de 1965 pôde se realizar o lançamento da pedra angular para o Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer apesar das fortes tempestades anteriores em toda região. Com coragem e destreza os motoristas de diversos carros de Porto Alegre haviam alcançado o objetivo da viagem sem prejuízos. Ainda uma semana antes eu havia relatado a um colega:

“Até ontem, quando pontes emergenciais foram novamente levadas pelas águas, tivemos semanas de enchentes com todas as suas tristes conseqüências. Também nós em Dois Irmãos fomos fortemente afetados. Nossa saída ao norte já não existe. A estrada para Caxias foi levada morro abaixo à altura de Morro Reuter. Amanhã tentarei alcançar duas de minhas comunidades através de um enorme desvio. Uma comunidade ao lesorte está totalmente inacessível a partir daqui. Com as constantes chuvas nada pôde ser consertado. As pessoas já analogias ao dilúvio: Agora já são 26 dias ...”

Em meu discurso no lançamento da pedra angular, expus, entre outros:

“Não optei por esse nome apenas devido a minhas relações pessoais que me ligavam a Alberto Schweitzer. Escolhi esse nome por uma razão muito mais importante: Alberto Schweitzer, enquanto teólogo, abriu mão de sua carreira profissional de pastor de uma comunidade em Strassburg e de sua docência privada na Faculdade de Teologia daquela cidade, deixou a Europa e passou quase dois terços de sua longa

vida entre os africanos, em condições modestas e pessoas simples. Desse modo, deixou uma mensagem que sublinhava a intenção fundamental de Deus, a saber, de se integrar ao mundo. 'Pois assim amou Deus ao mundo, que deu seu Filho unigênito.' Ou, como dizia Jesus numa de suas parábolas: 'A lavoura é o mundo.' Essas palavras designam todo um programa: Penetrar o mundo, agir no mundo, salvar o mundo. É essa a missão da Igreja. A Igreja não cumpre com sua missão apenas celebrando cultos recolhidos na quietude do templo. Os cristãos são conclamados por Cristo a penetrar o mundo. 'A lavoura é o mundo.' É hora de nossa geração entendê-lo. Ainda muitos são da opinião de que a missão da Igreja seria salvar almas. Nisso esquecem que as pessoas não consistem apenas em almas, mas de corpo e espírito. Temos que considerar a pessoa toda, não apenas uma parte sua, não apenas um pequeno segmento do ser humano. Nem enquanto Igreja nem enquanto cidadão consciente, podemos desconhecer as carências no campo da saúde pública, da educação e formação nas regiões rurais. Temos que tomar medidas adequadas. Também Jesus curava enfermos, alimentava famintos e formava jovens e velhos. O que aqui fazemos não é, portanto, uma *obra alheia*. Nenhum empreendimento que a Igreja não estaria autorizada a realizar. A execução dessa obra nada mais nada menos é que uma conclusão da mensagem 'A lavoura é o mundo', de Jesus. Primeiro trabalhamos com pedras, estando cientes que, em última instância, com pedras e prédios nada movemos se não houver pessoas que abracem a causa. Por isso mesmo conclamo a população à colaboração."

Meados de janeiro o P. Godofredo Boll, pastor de estudantes em Porto Alegre, realizou um acampamento de trabalho de acadêmicos no Centro Rural. Por dez dias os estudantes da Comunidade Estudantil Evangélica de Porto Alegre moraram e trabalharam ali. Às manhãs ajudavam na construção, às tardes procuravam os agricultores, aproveitando as visitas para um levantamento sociológico. Às noites os acadêmicos recebiam uma introdução às problemáticas da colônia e da Igreja, apresentadas pelos pastores Boll, Lützow e por mim. Com isso pretendíamos que os futuros advogados, médicos, professores e engenheiros despertassem para essas problemáticas, para depois, na vida profissional, se envolverem contribuindo para soluções.

Um ano depois, Francisco Lühring relatava que houve um segundo acampamento acadêmico no Centro Rural, desta vez com um grupo de 7 estudantes dos departamentos de Agronomia, Medicina, Enfermagem, Filosofia e Pedagogia, que tinham muita consciência de sua responsabilidade social geral. Os jovens, aliás todos de domínio da língua alemã, haviam utilizado 12 dos seus dias de férias. Aplicando as conhecidas metodologias do "programa de extensão rural", eram primeiramente familiarizados com a situação da "colônia", o que acontecia através de visitas e de questionários. Com os questionários já se obtinha uma opinião da população; ademais, estes permitiam ainda enfatizar a importância do Centro Rural para a região. Nesse sentido, ainda ocorreram problemas no decorrer do primeiro ano de existência. O programa da segunda semana abordava particularmente problemas novos detectados na primeira semana. Organizaram-se reuniões com colonos, domésticas e jovens, enfatizando-se nas palestras e nos debates a sua situação particular, sendo nalguns casos apresentadas soluções para a melhora das condições de vida rural e para o aumento da produção agrícola. A questão social alcançou a colônia sem que esta havia se apercebido disso. Quando os filhos crescem e partem para criar novo domicílio, o problema aparece de repente porque a propriedade média só consiste de poucos hectares de terra ondulada ou de laje, sobre as quais vingam, se muito, milho e batata - única fonte de renda, cuja produção permite apenas uma subsistência.

Os participantes da excursão foram homenageados com uma visita do secretário do trabalho, Dr. Arnaldo da Costa Prieto. Ele relatou da cooperação de estudantes peruanos nas comunidades rurais. Sua participação ocorria no âmbito do "Programa

para a Cooperação dos Povos”, iniciado pelo governo peruano. Nesse programa são selecionados estudantes dispostos a voluntariamente utilizar suas férias para o desenvolvimento de regiões atrasadas.

Em outubro submetemos ao Secretário de Estado dos Negócios uma proposta de convênio. Primeiramente foi-nos indicado o *status quo*: a comunidade evangélica de Boa Vista do Herval já antes havia entregado ao Estado uma casa de dois pequenos cômodos, que construía como escola. Havia ainda outra pequena escola primária na região. Um dos resultados das carentes possibilidades de educação em Herval teria sido o fato de que 50% dos recrutas chamados no último alistamento não eram capazes de escrever seu nome. Desses 96 desses jovens o comandante em São Leopoldo mandou 50 à escola primária que funcionava no próprio quartel em São Leopoldo, para que aprendessem a ler e escrever. A maioria da população da região não estaria em condições de redigir uma carta em português nem de entender um texto simples. Tampouco estariam em condições de ler e escrever em alemão. Os métodos de cultivo por eles empregados remeteriam ainda aos tempos da imigração há 140 anos. Os minifúndios, em que geralmente viviam famílias numerosas, não teriam mais de 10 hectares em média. O corrente número de filhos era de 8 a 10 por família. Nessas condições seria impossível alimentar a família de forma digna. Nas condições dadas, uma colaboração desses pequenos agricultores para o desenvolvimento do país seria impensável. Ignorância, decadência, miséria física e intelectual/espiritual seriam as características da população rural. Há cinco anos essas pessoas receberiam amparo pela distribuição de sementes e adubos, acerto de contas em farmácias etc. Mas todas essas iniciativas filantrópicas não estariam dando resultados satisfatórios. Outras ações se fariam necessárias: ampla assistência, desenvolvimento da rede escolar e da formação profissional, assistência médica, treinamentos no campo da higiene, cuidados pediátricos, nutrição etc. Era esse quadro - assim expusemos a situação à Secretaria - que teria levado ao projeto de um serviço de extensão rural, instrução agrária, a instalação de um curso de economia agrária e doméstica bem como de uma estação de saúde pública.

Em ofício, o governador do Estado havia certificado a importância do estabelecimento para o desenvolvimento da região do Rio do Sinos. Em 1966 o Centro Rural dispunha de duas salas de aula, uma de 6,6 x 8,5 m<sup>2</sup> e uma de 3,5 x 6,5 m<sup>2</sup> de uma cozinha para o curso de economia doméstica (4,5 x 4,3 m<sup>2</sup>), um espaço para o diretor e sua secretária, em que se encontrava a biblioteca, banheiros conforme as diretrizes do departamento técnico da Secretaria da Educação, um galinheiro padrão, um curral padrão para suínos, uma curral padrão para bovinos, um galpão com garagem, uma moradia para o zelador, moradias para o diretor e diversos professores, uma Rural-Willys, equipamentos agropecuários, animais de raça para os currais, móveis, e as respectivas terras. Por dois anos, inicialmente, haveria dois voluntários do Serviço Alemão ao Desenvolvimento Técnico e Social (agrônomo, professora de economia doméstica, enfermeira). Como apoio da SEC, a comunidade evangélica de Boa Vista esperava o envio de um corpo docente remunerado pelo Estado, e o comprometimento com a remuneração do secretário da escola.

A inauguração do Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer em Boa Vista do Herval pôde ocorrer a tempo para obedecer o novo ano letivo. Infelizmente, sob um frio inesperado para a época.

“O 6 de março de 1966 foi um dia histórico para a população de Herval. Numa comunidade colonial isolada há poucos eventos históricos de impacto. Verdaderamente importantes, por exemplo, não são os pleitos eleitorais ou as festas populares bem-sucedidas, e sim a inauguração de uma ponte, porque ela resolve que questão do transporte, vital para o colono, ou a inauguração de uma Igreja, porque com ela é dada a oportunidade da reunião da comunidade sob o verbo divino. Os



habitantes de Herval puderam vivenciar um evento significativo no domingo, dia 6 de março, evento importante em termos de História para essa região: a inauguração do Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer", edificado pela comunidade evangélica de Boa Vista do Herval. A inauguração iniciou-se com uma celebração religiosa, ministrada pelo presidente da IECLB, Dom Ernesto Schlieper. Em sua fala, mostrou que a função da Igreja não consistiria apenas na anunciação do evangelho de forma tradicional, mas que integraria a missão da Igreja igualmente a responsabilidade dos cristãos pelas específicas condições de seu meio.

Um participante católico da festividade diria depois nunca ter escutado um clérigo que tivesse definido a função da Igreja de forma tão clara quanto o presidente Schlieper o teria feito ... O padre Scholl, de Santa Maria do Herval, representava a comunidade católica. Ele ajudou passando a tarde controlando o equipamento de som que sua paróquia nos emprestara ... O pastor Lützow obteve seus méritos no leilão "os últimos galos de Boa Vista" ... Estimavam-se uns dois mil participantes ... Cruzei com o último dos ebrifestivos na casa de tiro, segunda-feira de manhã às dez e meia, ele cambaleando, porém animado.

Naquela hora as meninas do curso de economia doméstica já haviam raspado a maior parte da sujeira do azulejo do corredor escolar de 50 metros, enquanto os alunos da sexta série já haviam tido uma aula de português e outra de matemática. Para Herval iniciar uma nova etapa de desenvolvimento com o dia 6 de março. Cerca de 40 jovens que sem o Centro Rural nunca teriam freqüentado aulas agora são diariamente instruídos em matérias gerais e técnicas. O agrônomo do Centro estará à disposição de todo colono à procura de consulta. O posto de saúde vai se voltar para a problemática da saúde pública. As meninas estão sendo introduzidas em suas funções de futuras agricultoras ... O único meio contra o 'andar do caranguejo' começa a mostrar efeito em Herval."(Fôlha Dominical, 17/04/66).

Entre os convidados encontravam-se: o presidente da Igreja P. Ernesto Th. Schlieper, pela IECLB; Tenente Paulo Roberto de Araújo Monteiro, representante do governador do Estado Ildo Meneghetti; o diretor prof. Hilmar Keller, representante do Conselho Estadual de Educação; vice-cônsul Dr. Klaus Praller e o Sr. Nienhaus, assessor de economia do consulado geral da República Federal da Alemanha; Albino Both, presidente da Associação Católica Popular; P. Erdmann Goetz, meu sucessor como presidente distrital do distrito eclesiástico de São Leopoldo; Padre Scholl, da vizinha comunidade católica de Santa Maria do Herval. O governador do Estado, Eng. Ildo Meneghetti, o secretário do trabalho Arnaldo Prieto e o deputado Nelson Marchezan haviam enviado telegramas parabenizando pela "meritosa iniciativa e a excepcional obra". Convidados internacionais foi o pessoal da Rádiodifusora - "Diário do mundo evangélico" - que gravava pela TV federal alemã ZDF no Brasil.

Na cerimônia da inauguração do Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer, o presidente da Igreja, P. Ernesto Th. Schlieper, disse em pronunciamento em português:

"Sempre alguém poderia questionar: O que é que a Igreja tem a ver com um centro agrário, uma escola para a formação de técnicos agrícolas? A missão da Igreja não seria unicamente a prédiga do evangelho, o testemunho de Jesus Cristo enquanto o Senhor? Certamente, essa é sua missão. A Igreja, contudo, desobedeceria sua missão ao não se sentir responsável pelo ser humano em todos os seus âmbitos nessa vida. Exatamente nisso consiste a inigualável dignidade atribuída por Deus ao Jesus passar a ser pessoa humana. Exatamente nisso - que Jesus Cristo é nosso Senhor, Jesus Cristo, que por amor tornou-se irmão de todas pessoas e que se solidarizou com a existência humana em todas as suas referências - exatamente nisso consiste a inigualável dignidade que Deus atribuiu à pessoa humana quando se tornou humano em Jesus Cristo para ajudar e salvar. Por isso a Igreja não pode ficar

alheia a certas necessidades das pessoas; não pode se satisfazer com sua própria existência e a ela dar-se em protegidos espaços de sua fé. A Igreja não invade terreno alheio ao edificar escolas, centros de formação e postos sociais tais como esse, o Centro Rural Alberto Schweitzer. Isso é uma consequência do fato principal do evangelho - Deus veio a ser homem -, da qual desperta todo interesse e toda ação da Igreja com respeito ao campo do ensino. Assim é também com a presente obra: testemunha o amor de Deus para com todos os humanos. Nosso país clama pela presença da Igreja: estamos conclamados a tudo fazer - cada qual em seu lugar e em seu ambiente - para que nos esforços comunitários necessários para a solução dos enormes problemas com que se depara nosso país não faltem as forças do evangelho. Queira esse Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer sempre ser um testemunho da presença da Igreja em nosso povo, em consonância com a declaração fundamental da IECLB de que a Igreja de Cristo está no Brasil com todas as conseqüências que daí surjam para a prédica do evangelho nesse país e com respeito à co-responsabilidade pela configuração da vida pública cultural e econômica de sua população.”

Ainda que pudemos inaugurar a tempo o Centro Rural, nem tudo no seu entorno pôde ser finalizado. Assim, os currais estavam ainda em construção, e precisou de outras quatro semanas até que vacas e porcos pudessem ser colocadas. O galinheiro demorou ainda mais. Ao menos o prédio escolar esteve pronto no dia da inauguração, e também a casa do zelador e um celeiro. As questões internas não andaram como previstas. Em grande parte, o Estado havia me deixado na mão. Também o DED ainda não cumprira com suas duas voluntárias. Não obstante, iniciamos as aulas por conta. Mas isso não significava que não tenha funcionado quase com perfeição. Felizmente dispúnhamos ainda de uma professora brasileira iniciante em tempo integral do magistério evangélico em São Leopoldo, a Elaine Lorenz, que assumira a matéria de “cultura geral” com todo entusiasmo. Recebia por volta de 10 marcos mensais. Além disso tínhamos um zelador - Werno Michel - , que ao mesmo tempo atuava como auxiliar de agronomia na escola. Custava-nos por volta de 300 marcos mensais. Sua esposa cozinhava para os professores, para o que recebia daqueles. De resto, tínhamos entre nós sempre o voluntário alemão Volker Ledebor no Centro Rural, que ministrava aulas técnicas e introduzia os alunos na prática agrícola.

Duas vezes à semana um agrônomo brasileiro - Ruggardo Grub - ia a Boa Vista a ensinar disciplinas técnicas. Com recursos da instituição, arcávamos com os custos da viagem do engenheiro de Estância Velha, que aqui ensinava dois dias por semana. A coordenação organizacional estava delegada à Direção da comunidade, a direção espiritual e escolar foi provisoriamente assumida pelo pastor. Duas vezes à semana eu ministrava aulas em alemão, religião e ciências sociais, que girava especialmente em torno da situação socioeconômica da população rural, da história da imigração, etc. O prof. Sidegum ministrava as aulas de religião católica. A esposa do pastor, com formação em economia doméstica, duas vezes à semana dando aulas de culinária e de trabalhos manuais, provisoriamente substituía a pendente apoiadora Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED), que do Nordeste chegou com muito atraso, tal qual a enfermeira. Isso conturbou um pouco a nossa rotina familiar na casa paroquial de Dois Irmãos. Afinal tínhamos dois escolares em casa e uma babá que igualmente viajava diariamente ao colégio em outra cidade.

No Centro Rural atendíamos 36 alunos e alunas. Era um prazer dedicar-se a eles. Dividiam-se em três cursos: 1) sexto ano escolar (correspondente ao 1º ano ginasial. Ainda não credenciado pelo Estado); 2) curso de economia doméstica; 3) curso agrícola especial (quase que denominável de “curso de catadores de lixo”, pois foi desenhado para pessoas que não se enquadravam na 6ª série (pela carência de formação prévia) nem no curso de economia doméstica. Os escolares eram lecionados nas seguintes matérias: português, matemática, contabilidade, história,

geografia, biologia, zoologia, religião, alemão, ciências sociais, teoria e prática agrônômica; para as meninas do curso de economia doméstica, ainda: trabalhos manuais, costura, cozinhar, bolos e pães. Quando as duas técnicas alemãs chegaram, incluíram-se ainda uma série de matérias outras: higiene, primeiros socorros, cuidados neonatais, enfermagem, artesanato.

Tomando em consideração que em 19 de setembro existiram apenas 3 pedras angulares, pudemos mesmo estar satisfeitos. No primeiro ano não houve muita produção. Primeiramente a terra devia ser cultivada. Antes do inverno pouco pôde ser semeado. Apenas em outubro iniciava-se a época de plantio, de modo que somente no ano seguinte pudemos colher algo. Inicialmente pudemos providenciar somente o pasto. Alguns bois de tração trabalhavam desde fevereiro para o Centro. Em abril agregaram-se duas vacas e alguns suínos. Quando se conhecia as condições, toda ajuda realizada parecia uma gota no oceano. Em não havendo perfeição, ao menos não faltava improvisação.

As tanto esperadas ajudantes de Aracajú, do DED, finalmente chegaram antes que esperadas. O portoalegrense *Jornal do Dia* (26/05/66) noticiava: "Estiveram em visita de cortesia ao governador, na manhã de ontem, três professores da Alemanha que atualmente servem no Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer, localizado em Boa Vista do Herval, município de Dois Irmãos. Os visitantes estavam acompanhados do Pastor Heinz Dressel, diretor da Escola. Os professores (uma enfermeira, uma professora de economia doméstica e um agrônomo) permanecerão no Estado durante dois anos gratuitamente, às expensas do governo alemão." Em carta ao P. Grottko, Neuendettelsau, em 19/04/66, eu relatava sobre a inauguração do Centro Rural:

"Custa um bocado de tempo e de forças lecionar aqui em Boa Vista do Herval, à parte, e manter o controle das coisas; mas, e essa é a compensação, também causa muita felicidade trabalhar com os jovens da colônia. Também minha esposa está muito feliz com o trabalho com as meninas. Pena que não moramos em Boa Vista para podermos nos dedicar ainda mais à Escola. O trabalho com a juventude rural desperta esperanças. Tão decepcionante o trabalho com os velhos, tão animador é o contato com a juventude. Com meus estudos sociológicos obtive uma imagem profunda e abaladora dos bastidores da vida rural. Não houvesse a possibilidade de provocar alterações, a situação seria desesperadora. Talvez soe estranho dizer: a convivência com a juventude rural permite voltar a crer com maior força no Espírito Santo. Efetivamente essa percepção seja talvez o essencial em meu trabalho no Centro Rural."

Na sequência houve muitas visitas, com reflexos na imprensa: "O Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer, Boa Vista do Herval, obteve notável visita no domingo exaudi: o sr. cônsul Dr. Munz veio com sua família para uma modesta recepção para conhecer o Centro e visitar os três técnicos alemães ... Para os próximos dias, o Centro Rural está na expectativa da visita do Sr. Dr. Rudolf Schuster." (Diretor do departamento do Ministério de Cooperação alemão responsável pelo DED; e Dr. Koch-Weser, responsável regional para o DED no Brasil. *Fôlha Dominical*, 26.6.66). Atividades da LBA - "Dr. Adail Moraes visitou o Centro Rural Alberto Schweitzer. Ao rev. Heinz Dressel, que dirige o projeto de Boa Vista, manifestou o Dr. Adail Moraes, em nome de dona Judith Meneghetti, a segurança do apoio da Legião Brasileira de Assistência." (*Correio do Povo* 14/07/66) "A Mensagem Sueca - Quando o mundo é, para muitos, um cenário apenas de ódios e de hostilidades, torna-se alentador registrar exemplos em que se revelam as melhores energias morais mobilizadas para o nobilitante esforço da melhoria das condições sociais e econômicas dos seres humanos." (*Correio do Povo* 16/07/66)

Também o bispo da Igreja Luterana na Suécia, Josefson, visitou o Centro Rural, financiado principalmente por sua Igreja. No dia seguinte veio o vice-cônsul Dr. Klaus

Praller, numa de suas visitas trazendo consigo um ex-embaixador alemão interessado em conhecer as condições da “colônia alemã”, que pude lhe apresentar com facilidade, inclusive através de diapositivos. Regularmente vinham sociólogos, igualmente à procura de informações específicas. Dos EUA veio George F. Hall. (“At Dois Irmãos near São Leopoldo we talked with Pastor Heinz F. Dressel about the rural church in Brazil.”) Entre os colonos fazia-se necessário muito trabalho de conscientização para despertar sua co-responsabilidade pelo Centro Rural. Após as férias foi despachada uma circular à população de Boa Vista do Herval:

„Caros pais, iniciamos o 2º semestre de nossa 6ª série e de nosso curso de economia doméstica. Durante as férias ocorreu uma série de mudanças. Recebemos duas novas ajudantes do DED que vão amparar os alunos e a população com toda compreensão. Em lugar da professora Elaine, temos agora conosco o prof. Schmidt. Da parte do governo, acena-se com eficiente cooperação. E já temos bovinos de raça em nosso curral. Também no chiqueiro iniciamos o trabalho. Logo mais iniciaremos a criação de aves. O pai de dois de nossos alunos nos disponibilizou alguns hectares de terra sem custos. E estamos criando uma horta e um pomar.

Nas férias, reunimos pela primeira vez as mulheres. Essas reuniões deverão se repetir futuramente. Criou-se ainda um círculo de trabalhos manuais das mulheres. Outros círculos, como para o aperfeiçoamento da culinária, podem ser criados por demanda.

No próximo domingo, às 14 horas, haverá uma reunião de agricultores no Centro Rural, em que o agrônomo regional Goepfert, de São Leopoldo, falará sobre adubação foliar e cultivo misto. Todos os colonos estão convidados.

Agora temos ainda alguns pedidos a vocês, e esperamos que façam o possível para nos atender:

1) No decorrer desta semana queremos ampliar a horta. Isso significa muito e, particularmente, árduo trabalho, que não poderá ser feito por nossos alunos. Por isso pedimos aos pais dispostos a nos ajudar por uma tarde, que compareçam na terça ou quarta da tarde às 14 horas para nos ajudar a preparar a terra.

2) Para as aulas de culinária costumam faltar hortaliças. Se bem que algumas meninas frequentemente trazem chuchu, não podemos sempre preparar chuchu. Por isso pedimos a todas as mães enviar cenoura, beterraba, cebola, alface, couve e outros mais, para que possam aprender preparos variados dessas hortaliças. Com isso a culinária caseira se enriquecerá.

3) A enfermaria volta a estar à disposição da população. Com toda disposição a enfermeira atenderá os casos mais simples ,à medida que não forem da competência do médico. Até agora os remédios foram custeados pelo Centro Rural. Também não pretendemos pagamento pelas consultas, uma vez que a enfermeira trabalha sem custos para nós. No entanto pedimos aos clientes da enfermaria colaborar com a aquisição de novos remédios. Interessados podem saber pormenores com a enfermeira.

4) Gostaríamos de comprar milho, mas até o momento não encontramos quem nos venda. Talvez alguns dos agricultores possam nos vender ao menos um saco de milho ou mais. Façam o favor de nos ajudar nisso, e nos procurem.” (01/08/66)

Em 10 de dezembro de 1966 o Centro Rural comemorou a conclusão do ano letivo com 20 alunos da nova 6ª série bem com as 6 meninas do curso de economia doméstica. Pela primeira vez na história local houve uma 6ª série numa escola

primária, que, em termos jurídicos, correspondia ao primeiro ano do ensino médio, sendo reconhecido pela Secretaria da Educação logo após a conclusão do ano letivo. Também o primeiro curso da escola de economia doméstica revelou-se muito bem sucedida. Houve prêmios para os melhores alunos da 6ª série. A sra. Regina Zimmermann, professora de economia doméstica (DED) entregou prêmios aos melhores alunos do curso. Devido à substituição do Secretário da Educação e do encarregado superintendente da Secretaria da Agricultura em função de alterações do corpo docente e também em função de problemas psicológicos entre a população, foi um ano complicado! Foi de grande valia a ajuda e compreensão do governador do Estado Ildo Meneghetti e do secretário privado Dr. Guido Moesch; do colega americano P. Olson; da Confederação Luterana Mundial; do diretor do magistério evangélico Günter Naumann e do chefe da Escola Sinodal prof. Keller; da Legião Brasileira de Assistência (LBA); do secretário da agricultura Dr. Fetter, do diretor da INDA Dr. Paulo Rebelo; do Dr. Sócrates Feijó, da Secretaria da Educação e Cultura; da chefe regional das Escolas dona Rossi; do Serviço Social (P. A. Bantel) e de tantos outros. Um colaborador desajeitado teve de ser substituído pela causa maior. Luciano Engelmann, presidente da Câmara de Vereadores do município de Dois Irmãos, em ofício de 29 de março de 1966 expressou sua gratidão da Câmara 'pelo muito que tem feito em prol deste Município', 'particularmente, contudo, pela criação do Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer'."

Em carta de 8 de julho de 1966, a professora Elaine Lorenz, chamada para outra função após sua atuação em Boa Vista, resumia suas impressões:

"O que mais me impressionou foi a forte vontade de aprender, com que me deparei nas crianças. Para mim isso foi uma grande satisfação, pois em muito facilitava meu trabalho. Em sala de aula percebe-se logo a grande diferença entre as escolas, pode-se perceber muito bem os diversos tipos de escolas existentes em nosso interior. ... A série era chamada de '6ª série', mas de imediato percebi que era impossível caracterizá-la assim. Por isso tomei as matérias da 4ª série como base de meu projeto de ensino, e para muitos mesmo esse ainda era muito exigente ... Confesso que não esquecerei esse local em que pela primeira vez exerci minha profissão."

Em 6 de março de 1967 iniciou-se o 2º ano letivo do Centro Rural com 9 alunos; além dele, havia 3 no curso de treinamento agrícola e 6 meninas no curso de economia doméstica. O agrônomo Francisco Lühring era agora disponibilizado pelo Estado e remunerado pela Secretaria da Agricultura (INDA). (INDA, Paulo Brandão Rebello, Delegado Regional R.G.S. em 11/04/67: „Decidimos ceder a partir desta data a esse Centro - a título provisório, até ulterior deliberação - o Eng. Agr. Francisco Lühring, que vem prestando serviços de assessoria técnica a esta Delegacia Regional."). A Legião Evangélica - Assistência Rural - sob o comando do P. Bantel, cooperava em termos morais como práticos com o Centro Rural e regularmente lhe disponibilizava farinha de milho oriundo do programa 'Aliança para o Progresso.' Também um jovem da comunidade de Dois Irmãos, Nelson Collet, que havia estagiado numa propriedade rural na Baixa Saxônia (Programa 'Filhos de Colonos Riograndenses'), já colaborava com o Centro Rural em Boa Vista, onde soube botar em ordem o setor agrícola, por tempos meio abandonado. A SEC e outras repartições públicas, por longo período, não encontraram possibilidades de cooperar com o Centro, e houve graves reclamações, tais como em minha carta (21/05/66) ao Deputado da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Deputado Marchezan:

"..considerando a importância duma obra como a do Centro Rural Dr. Alberto Schweitzer para o desenvolvimento da população rural - e junto com isto, da economia estadual - não entendo a atitude dos responsáveis na SEC ... As autoridades estaduais estão pregando a idéia do espírito comunitário, do

**'do-it-yourself'. Quando uma comunidade percebe a sua responsabilidade social, os órgãos burocráticos sufocam as iniciativas privadas ... pois não encontram uma fórmula para enquadrar tais projetos nos regulamentos antiquados com os quais estão acostumados a lidar. Eu me sinto responsável por causa da minha consciência - assumi a responsabilidade voluntariamente, mas eles têm responsabilidade profissional e política, pois o que eles são, o são por voto do eleitor. O Brasil reclama ajuda de países estrangeiros, e eles colaboram, mas no momento X o capital investido não pode trazer fruto. Sem a ajuda dos Voluntários alemães seríamos obrigados de fechar as portas do Centro Rural, abandonando um capital empregado de mais de 100 milhões ."**

**Em janeiro de 1967 repetiu-se em Boa Vista um acampamento de trabalho, dirigido pelo pastor estudantil Godofredo Boll e custeado pelo "Serviço de Projetos Especiais em conexão com o Community Development Liaison and Validation Service, Federação Mundial Luterana" - Serviço na Colônia -, assistido pelo P. Oskar Lützow, P. Berthold Weber, prof. Sturm e o pastor local.**

**No centro do acampamento de trabalho estavam temáticas como: A crise internacional da população rural, particularmente a atraso da população rural no Brasil, e justamente daqueles 70% dos membros da comunidade da Igreja luterana evangélica que viviam na colônia; a crise das condições de vida tradicionais no campo; as encíclicas sociais de João XXIII; a atuação da Igreja Católica Romana no Brasil; o MEB - Movimento para Educação de Base; a FAG - Frente Agrária Gaúcha; o MFC - Movimento Familiar Cristão; iniciativas da Confederação Evangélica no Brasil: a Conferência do Nordeste, Recife, 1962 (Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro); iniciativas do Sínodo Riograndense e da IECLB: „Encontros de agricultores“ no Brasil (o primeiro havia acontecido em 1963 em Boa Vista do Herval), Centros de Treinamento Agrícola, Mordomia Rural etc.; O memorando da Igreja Evangélica da Alemanha sobre a situação da agricultura, em 1965. (A crise da agricultura como causa principal da atual crise general e política da humanidade e a solução por meio da cooperação mútua de todos os povos; a necessidade de despertar a consciência dos cristãos em todo mundo com relação a sua co-responsabilidade pelos problemas da agricultura.)**

**O acampamento de trabalho dos estudantes no Centro Rural pretendia provocar também entre os estudantes a consciência da co-responsabilidade com respeito à situação da população rural no sentido do apelo de P. Schlieper no Recife: "A Igreja não pode ficar desinteressada nas pessoas, pois ela é a Igreja de quem por amor veio a ser o irmão de todas as pessoas ..." De resto, havia muito trabalho para os estudantes, por exemplo intensificando o futuro trabalho do Centro por meio de intenso contato com a população (incluindo um culto juvenil). Entre outros, os e as estudantes preparavam um projeto de planejamento familiar.**

**Conforme nosso projeto pessoal, nosso retorno da Alemanha estava previsto para 1968. Até aquele momento parecia possível consolidar o Centro Rural o suficiente para não comprometê-lo com meu afastamento do trabalho. Acorreu, porém, que o prazo restante até nossa saída da paróquia de Dois Irmãos se abreviara consideravelmente: por insistência do presidente da Confederação Sínodal, P. Ernesto Th. Schlieper, eu confirmara assumir em 1968 a direção do Seminário de Pregadores e do Colégio Pastoral em Araras RJ. Antes, todavia, era hora de férias na pátria, que, entre outros, serviria também para conhecer alguns seminários de pregadores e colégios pastorais no âmbito da Igreja Evangélica da Alemanha. Deste modo, minha participação no Centro Rural limitou-se aos primeiros quatro meses de 1967. Em 8 de maio acompanhei nosso visitante sueco Åke Kastlund, diretor dos Lutherhjelpen, a Boa Vista aproveitando o momento para a despedida oficial do Centro Rural. Depois, em 20 de maio, dois dias antes de nossa mudança para Araras**

(RJ), somente passei brevemente na comunidade de Boa Vista do Herval para ministrar um casamento.

O seguimento das coisas, no entanto, não foi nada feliz. Após minha despedida do distrito paroquial de Dois Irmãos não foi possível manter o rumo do desenvolvimento iniciado. A enfermeira do DED, Heidrun Keup, relatava em carta de 17.08.67: “A escola primária foi construída no terreno defronte o Centro. Às tardes até a primeira série tem aulas no espaço do Centro. Francisco precisa ir frequentemente a Porto Alegre procurar as autoridades, Schaumlöffel, sen. ou jun., sempre vão junto.” A enfermeira Heidi Keup adoeceu na Alemanha logo após seu retorno do Brasil à pátria. No verão de 1968 foi operada pela primeira vez, falecendo em 1969. As pessoas em Boa Vista a amavam muito.

O prof. Nestor Schaumlöffel, entrementes avançado a diretor do Centro Rural, confirmava em 15.12.69 o recebimento a doação de recursos de minha comunidade em Frankfurt:

“Com grande satisfação lhe agradecemos pelos NCr\$ 100,00 que recebemos através do pastor Krause, bem como pelos NCr\$ 83,33 que a dona Sander nos entregou em seu nome. Em 1º de julho do corrente assumi a direção do centro Rural, depois que o Dr. Francisco se retirara. Na escola dispomos atualmente de cinco voluntários do DED, uma enfermeira, duas professoras de economia doméstica e de dois técnicos agrícolas. Os técnicos agrícolas promovem um trabalho de extensão em todo âmbito do 3º distrito. No Centro promovemos cursos de economia doméstica. Para o próximo ano está previsto um curso de mecânica. Reduzimos muito a criação de aves. O Sr. Werno Michel já não trabalha na escola. Em agosto adquirimos uma máquina de debulhar que é aproveitada por toda região na colheita do trigo. Até hoje foram colhidos 800 sacos. A renda fica com o Centro.”

“Os voluntários já estão trabalhando na extensão rural. Até o momento já plantaram 35 mil mudas de *pinuselliotta* para reflorestamento, além disso mil mudas de macieiras. Todo o trabalho de extensão ocorre em cooperação com a prefeitura de Dois Irmãos, que também arca com os custos. Em janeiro aconteceu um curso de uma semana para noivos com a participação dos casais. O pastor, o padre e Dr. Alexandre, do posto de saúde, bem como os voluntários do DED colaboram nisso. O curso foi bem-recebido e deverá ser repetido anualmente. Além disso, organizamos mensalmente seis cursos de culinária com participação de 10 meninas por vez. Estamos muito tristes com a notícia da morte de Heidrun, da qual guardamos as melhores lembranças.” (Nestor Schaumlöffel, 11/02/70)

O último relato de Boa Vista do Herval, redigido pela voluntária Erika Rautenberg, do DED, chegou-me fins de setembro de 1970:

„... Em cooperação com o posto de saúde organizei reuniões com mulheres e meninas em todos os locais do município, tratando das temáticas alimentação, cuidados neonatais e pueris, higiene e primeiros socorros, e, à medida do possível, fiz atendimento prático. No Centro temos atualmente um curso de economia doméstica de 5 dias mensalmente. Atualmente estou fazendo um levantamento em todo município, entrevistando 10% das famílias camponesas a respeito de suas condições econômicas, especialmente as agrárias. O resultado dessas entrevistas deve servir para o planejamento da prefeitura. Para janeiro de 1971 o DED pretende enviar um administrador a Dois Irmãos. Nas visitas a domicílio trato de orientar particularmente as mulheres.”

Como as coisas andaram nos anos 70, é outra história, isso os agentes de então devem resgatar. Gosto de relembrar os tempos pioneiros dos anos 60. Se alunos e

**alunas da minha época lerem essas linhas, gostaria de saudá-los muito.**